

LITERATURA FARAÔNICA: TRÊS CONTOS EGÍPCIOS

Mestra Cintia Prates Facuri

Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/UFRJ

Resumo

Ainda pouco conhecida fora dos círculos da egiptologia, a literatura egípcia antiga tem-se mostrado extremamente heterogênea. Dentre os escritos estudados pelos egiptólogos, surgiu uma série de narrativas que poderia inquestionavelmente ser classificada como literatura no sentido que temos hoje. No entanto, ainda existem muitas questões a respeito da forma como estas narrativas eram transmitidas, para quem era destinada, se eram transmitidas oralmente e posteriormente registradas em escrita, entre outras questões que permanecem sem resposta. Neste estudo serão apresentadas três narrativas, os Contos do Papiro Westcar, o Conto dos Dois Irmãos e o Conto do Náufrago. A partir da apresentação dos manuscritos e um resumo das narrativas, serão apresentados os aspectos literários e as principais características dos contos, bem como uma análise comparativa entre estas narrativas egípcias.

Palavras-chave

Literatura egípcia antiga; Papiro Westcar; Conto dos Dois Irmãos; Conto do Náufrago; Egito Antigo.

Abstract

Little known outside the circles of Egyptology, ancient Egyptian literature has been extremely heterogeneous. Among the written texts studied by Egyptologists, a number could be undoubtedly classified as literature, as we currently know. However, there are still many questions about how these narratives were transmitted, for whom they were intended, if they were transmitted orally and later written, among other issues that remain unanswered. In this study there will be presented three narratives, the Tales of Westcar Papyrus, the Tale of Two Brothers and the Tale of the Shipwrecked Sailor. Based on a presentation of manuscripts and a summary of the narratives, the literary aspects and the main features of the stories will be presented as well as a comparative analysis of these Egyptian narratives.

Keywords

Ancient Egyptian literature; Westcar Papyrus; Tale of the Two Brothers; Tale of the Shipwrecked Sailor; Ancient Egypt.

Recebido em 30/10/2014

Aceito em 19/01/2015

A Literatura Egípcia Antiga

O advento da escrita no Egito antigo se deu por volta do final do período Pré-Dinástico, cerca de 3100 a.C., estando restrita ao uso cotidiano. Por volta de 2500 a.C. a escrita começou a ser utilizada no contexto religioso funerário, onde eram escritos textos nas paredes das tumbas¹, sendo estes considerados os textos religiosos mais antigos que se tem conhecimento e podendo remeter a práticas orais mais antigas².

A “literatura” do Egito antigo não é um tema muito conhecido pelo público em geral. Durante muito tempo a literatura egípcia fez um ponte entre eventos históricos e criações imaginárias, podendo ser vistos em muitas narrativas. Foi apenas na década de 1970 que os textos egípcios começaram a ser classificados como discursos literários, tendo uma perspectiva detalhada focada no ponto de vista egípcio antigo, investigando seu contexto social e novas abordagens que substituíram a maneira fragmentária de lidar com estes textos.

Devemos ter em mente que não é possível colocar a literatura egípcia fora do sistema cultural que este está inserido³. Por exemplo, estes textos tinham um papel importante para a formação dos jovens escribas, uma vez que estas narrativas eram usadas como modelos a serem copiados a fim de treinar a escrita e também transmitir valores morais e éticos. Sendo assim, devemos entender o que está acontecendo dentro da sociedade egípcia na época da escritura destes textos para poder interpretar as ideias que o autor coloca. Nunca teremos certeza se as afirmações apresentadas nas narrativas são realmente verdades ou ideias defendidas pelo autor ou um grupo.

Sendo assim, um evento nunca será totalmente reproduzido, uma vez que este sempre será uma interpretação de alguém, e toda interpretação é carregada de ideologias. O fato é que a ideologia sempre esteve presente na literatura e não há como escapar. Freud afirma, a respeito da ideologia, que essa é eterna e está “onipresente em sua forma imutável através da história”⁴.

Devemos ter em mente que todos os gêneros literários egípcios são fundamentais para a reconstrução da história e da religião egípcia. Na literatura egípcia, uma teoria derivada

¹ Textos das Pirâmides.

² SHAFER, Byron E. (ed.). *Religion in Ancient Egypt, Gods, Myths and Personal Practice*. London: Routledge, 1991.

³ FACURI, C. P.; AMARAL, C. A. V.. *Teachings in the Ancient Egyptian Literature: An Anthropological View*. Yawp, Vol. 5, São Paulo: FFLCH/USP, 2010, pp. 100-112.

⁴ ALTHUSSER, L. *Lenin and philosophy, and other essays*. London: New Left Books, 1971, p. 174.

de evidências internas dadas pela documentação egípcia é de extrema importância, pois o texto “fala por si”.

De acordo com Loprieno⁵, o texto egípcio pode ser considerado literário quando estão combinadas três características:

- Ficcionalidade (o acordo implícito entre autor e leitor, onde fica estabelecido que o mundo apresentado no texto não coincide com a realidade);
- Intertextualidade (um texto não é uma obra encerrada em si mesmo, mas dialoga com um universo de textos);
- Recepção (provas da existência de um público leitor dentro da história cultural egípcia).

A respeito da recepção, é necessário haver evidências sobre a relação que o texto teve dentro da história cultural egípcia. Se um texto está documentado em inúmeras cópias ou se este ecoou tardiamente em outras composições, é possível que este tenha pertencido à esfera literária. No entanto, há alguns textos indubitavelmente literários que foram transmitidos através de uma única evidência. A natureza da literatura egípcia é metafórica no sentido que demonstra o ponto de vista do autor sobre a realidade como um todo, em oposição ao senso metonímico, que se concentra na exploração de uma realidade segmentária.

Existem muitas discussões a respeito da divisão dos gêneros literários egípcios antigos. De acordo com Lichtheim⁶, a literatura pode ser dividida em três grandes gêneros: prosa, poesia e um estilo que está entre estes dois. Tendo isto como base, podemos afirmar, mais detalhadamente, que há subdivisões, compreendendo basicamente cinco grandes gêneros literários egípcios:

- Narrativa: compreendendo textos de caráter “fantástico” onde há a quebra da realidade por meio de eventos extraordinários, como nos *Contos do Papiro Westcar*, o *Conto do Naufrago*, o *Conto dos Dois Irmãos*, entre outros; e textos de caráter “aventuresco” onde o personagem principal encontra-se fora do Egito por diversos motivos, como em *As Tribulações de Unamon* e *A Tomada de Jafa*.

⁵ LOPRIENO, Antonio (ed.). *Ancient Egyptian Literature: History and Forms*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1996.

⁶ LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings*. Vol. I: The Old and Middle Kingdoms. Los Angeles: University of California Press, 2006.

- Drama: pouco discutida pelos egiptólogos, observa-se que alguns textos têm grande probabilidade de terem sido encenados, como, por exemplo, a *Grande Contenda*, pois apresenta indicações cênicas, anúncio de personagens e réplicas.
- Literatura Crítica ou Reflexiva: compreendendo textos como lamentações e profecias, por exemplo, *As Profecias de Neferti*, *As Lamentações de Khakheperraseneb* e *As Admoestações de Ipuer*.
- Literatura Gnômica: compreende as máximas ou ensinamentos, com caráter didático, como as *Máximas de Ptahhotep* e as *Máximas de Amenemopet*.
- Lírica: compreendendo encômios régios, hinos, poesias amorosas e cantos de harpista.

Há também outros gêneros como sátiras, fábulas, literatura da corte, entre outros. Alguns gêneros parecem ser característicos de algumas épocas, como, por exemplo, os contos, que aparecem em grande número no Médio Império, e as poesias amorosas no Novo Império.

Os textos egípcios eram escritos principalmente em rolos de papiro, tábuas de escrita, tabletes em madeira, óstracos, paredes de tumbas, couro, tecido, entre outros. No entanto, o de maior valor era o papiro.

Os egípcios também estabeleceram uma organização interna para seus textos, com:

- Destaque ou realce gráfico de palavras;
- Presença de títulos na abertura de textos;
- Indicação de capítulos;
- Numeração de páginas;
- Pontuação, com a utilização de sinais hieroglíficos próprios (indicação do término de uma estrofe com o hieróglifo que é a abreviatura de uma palavra que indica “pausa”);
- Erratas e correção de omissões;
- Encerramento do livro com um colofão, introduzido pela fórmula *iw-f pw* “ele (o livro) chegou”.

Além disso, alguns livros apresentam ilustrações que complementam o texto, como, por exemplo, o *Livro dos Mortos*.

A sintaxe da língua egípcia ainda possui muitas questões a serem esclarecidas. Além disso, o sentido exato de muitas palavras se mantém desconhecido, ou seja,

encontramos *hápax legómenon*, palavras que aparecem apenas em um determinado texto e com expressão única, descartando a possibilidade da realização de comparação semântica.

Existem basicamente três tipos de escritas egípcias:

- Hieróglifo: do grego “letras sagradas esculpidas”, compreende um conjunto de sinais (fonogramas, ideogramas e determinativos) que compunham a escrita egípcia. Sua utilização se estendeu desde o final do Período Pré-dinástico (c. 3100 a.C.) até 394 d.C.. Com o surgimento de suas versões cursivas (hierático e demótico) restringiu-se a contextos religiosos e monumentais;
- Hierático: do grego “escrita sacerdotal”, representa a escrita cursiva, com a simplificação dos sinais hieroglíficos, utilizada para escrever sobre papiro ou óstraco com pincel e tinta. Foi utilizada desde c. 3000 a.C. paralelamente à escrita monumental hieroglífica e substituída por volta de 800 a.C. pelo demótico;
- Demótico: do grego “(escrita) popular”, é uma escrita cursiva derivada do hierático, sendo escrito em linhas horizontais e da direita para a esquerda. Passou a ser usado em textos literários e religiosos após o Período Ptolomaico (c. 304 a.C.).

Ainda pouco conhecida fora dos círculos da egiptologia, a literatura egípcia antiga tem-se mostrado extremamente heterogênea. Dentre os escritos estudados pelos egiptólogos, surgiu uma série de narrativas que poderiam inquestionavelmente ser classificadas como literatura no sentido que temos hoje. No entanto, ainda existem muitas questões a respeito da forma como estas narrativas eram transmitidas, para quem eram destinada, se eram transmitidas oralmente e posteriormente registradas em escrita, entre outras questões que permanecem sem resposta. Podemos afirmar que nem tudo já foi dito a respeito da literatura egípcia antiga, uma vez que existe uma grande quantidade de papiros e óstracos nos acervos dos museus que ainda não foi estudado.

Acredita-se que a maioria dos textos egípcios antigos tenham relações intertextuais, pois formam uma variedade dinâmica de manuscritos, que provavelmente não são criações estritamente de um autor. Estes textos se tornaram acessíveis ao longo do tempo, aparecendo fora de seu quadro contextual. Existem três períodos da história egípcia que apresentam discurso intertextual:

- O “mítico” Antigo Império (de c. 2686 a.C. a 2613 a.C.);

- O “canônico” Médio Império (de 2040 a.C. a 1782 a.C.);
- O período Ramessida com seus diálogos entre escritos da elite e os escritos “populares”.

Apresentarei a seguir três contos egípcios, os Contos do Papiro Westar, o Conto dos Dois Irmãos e o Conto do Náufrago, a fim de apresentar os manuscritos, um resumo das narrativas, seus aspectos literários e as principais características dos contos, bem como uma análise comparativa entre estas narrativas.

Os Contos do Papiro Westcar⁷

Introdução

Considerado um dos textos literários mais antigos do Egito faraônico, os contos fantásticos do Papiro Westcar estão preservados em um único documento, atualmente no Museu de Berlim, com a denominação Papiro Berlim 3033, tendo sua composição datada por volta de 1650 a.C.. O texto original encontra-se em hierático⁸, tendo seu começo muito danificado e pelo menos uma página perdida. Além disso, o documento termina abruptamente, sendo perdido o desfecho da narrativa. O papiro foi adquirido pelo colecionador inglês Henry Westcar⁹ em 1824 e entregue em 1838 ao egiptólogo alemão Richard Lepsius. Após a morte do egiptólogo, o papiro passou a fazer parte da coleção do Museu de Berlim.

Resumo

As narrativas são contadas ao faraó Khufu¹⁰, que reinou por volta de 2551-2584 a. C.. O início do papiro se perdeu e com ele o cenário onde os fatos ocorreram, no entanto, o começo pode ser reconstituído deste modo: entediado, o faraó Khufu procurou por todo seu palácio algo para se distrair, mas não encontrou. Então mandou chamar os príncipes seus filhos e pediu para eles o distraírem, cada um contando uma história sobre feitos extraordinários realizados por magos e sábios. Primeiro conto: não se tem certeza qual era o faraó e o mago do conto e não sabemos qual o ato mágico realizado nem como o faraó é retratado no conto, uma vez que restaram apenas as últimas linhas. Segundo conto: A esposa do mago o trai e este como vingança queima sua esposa viva e confecciona um crocodilo de cera encantado por palavras mágicas que engole o amante. Terceiro conto: O mago propõe ao faraó que faça um passeio náutico pelo lago do palácio, pois ele estava entediado. Uma das remadoras deixa cair um pingente no lago e não aceita outro em troca. O mago recita palavras mágicas, dividindo as águas do palácio em duas, pega o pingente, e depois, recitando palavras mágicas, coloca-as no lugar. Quarto conto: se passa no tempo do narrador, ou seja, na corte do

⁷ BRANCAGLION, Antonio; FACURI, Cintia. “Os Contos do Papiro Westcar – Papiro Berlim 3033”. In: Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio. Nº VII. São Paulo: FFLCH/USP, 2010, pp.113-161.

⁸ Hieróglifo cursivo.

⁹ Motivo pelo qual o papiro leva seu nome.

¹⁰ Mais conhecido como Quéops, foi o segundo faraó da IV Dinastia, sendo atribuída a ele a Grande Pirâmide de Giza.

faraó Khufu. O mago demonstra ao faraó como recolocar uma cabeça cortada, domar um leão, mostra seu conhecimento a respeito das câmaras secretas de Thot e profetiza o nascimento dos reis da próxima dinastia. Quinto conto: não possui a mesma estrutura dos demais contos, se passando também no tempo do faraó Khufu. Relata o nascimento dos três novos reis pela ajuda dos deuses egípcios. No entanto, não sabemos o final da narrativa, uma vez que esta se encerra abruptamente.

Características

Os contos do Papiro Westcar compõem um dos conjuntos de textos literários mais antigos do Egito faraônico já encontrados e estudados. Não se trata apenas de uma coleção de contos que faz transparecer os valores e o modo de pensar da época em que foi escrita.

Podemos afirmar que o Papiro Westcar possui um dos primeiros textos onde a magia está presente, sendo um elemento central da narrativa, além de estar associada aos magos e sacerdotes dos contos, que se valem de fórmulas mágicas para realizar seus encantamentos¹¹. Os contos misturam ficção e realidade por possuírem elementos como a magia e personagens históricos e fictícios¹².

Podemos afirmar que o Papiro Westcar possui a mais antiga série de “contos moldura” e “contos emoldurados”, que consistem respectivamente em um eixo organizador das ideias, como uma fonte geradora da narrativa que emoldura o texto constituído, semelhante ao Livro das Mil e Uma Noites¹³. Os contos do Papiro Westcar possuem elementos característicos das narrativas de tradição oral, mas considerá-los como tal é apenas uma suposição.

As narrativas possuem estilo de narrativa oral, talvez pela estrutura do conto moldura e os contos emoldurados¹⁴. Podemos afirmar também que o espectador ficaria

¹¹ CHIOFFI, Marco E.; RIGAMONTI, Giuliana. “I Raconti di Re Kheope”. In: *Antologia Della Letteratura Egizia Del Medio Regno*, Itália: Ed. Ananke, Vol. I, 2008.

¹² HOLLIS, Susan Tower. “Tales of Magic and Wonder from Ancient Egypt”. In: SASSON, Jack M. *Civilization of Ancient Near East*. New York: Macmillan Library Reference USA, Vol. III, 1995, pp. 2255-2264.

¹³ SILVA, Sandra Aparecida; SLEIMAN, Michel. “Uma Cidade de Bronze: Estratégias de Construção Narrativa do Livro das mil e uma noites”. In: *Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*. São Paulo: FFLCH/USP, Nº 6, 2009.

¹⁴ HINCKLEY, Henry Barrett. “The Framing-Tale”. In: *Modern Language Notes*, The Johns Hopkins University Press, Vol. 49, Nº. 2, 1934, pp. 69-80.

entretido não só pelas histórias, mas pelo modo de contar do narrador, dada sua dimensão cultural e sua dinâmica textual.

Pode-se dizer que os contos possuem caráter de divertimento e que por trás dessa característica residiria a intenção de transmitir uma moral e ética às pessoas. Talvez existisse uma motivação política por parte do autor na composição desta narrativa ao fazer uma clara oposição entre os faraós da IV e da V Dinastia, sendo apenas estes de origem divina e havendo então um caráter propagandístico do Estado faraônico¹⁵.

Nos contos do Papiro Westcar são abordados valores introduzidos por meio dos magos. O tema central dos contos é assumir e exercer a realeza, que se dá por meio de aspectos morais ligados à corte e ao reinado. Além disso, está presente a mitificação do surgimento de uma nova dinastia divinizada, pois seria descendente direta dos deuses¹⁶.

¹⁵ MATHIEU, Bernard. “Les Contes du Papyrus Westcar: Une Interprétation”. In: *Égypte Afrique e Orient*, Paris, Nº. 15, 1999, pp. 29-40.

¹⁶ DODSON, Aidan; HILTON, Dyan. *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2004.

Conto dos Dois Irmãos¹⁷:

Introdução

O papiro possui 19 páginas, sendo 7 de 9 linhas e 12 de 10 linhas. As cinco primeiras páginas estão danificadas, mas o conto preserva-se por inteiro. O conto está escrito em hierático horizontal e é lido da esquerda para a direita. Atualmente o manuscrito encontra-se no Museu Britânico, com a denominação Papiro Museu Britânico 10183. Escrito pelo escriba Ennena, no reinado do faraó Merneptah, por volta de 1224 a.C., na XIX Dinastia, o papiro possui o Conto dos Dois Irmãos, conto fantástico cujos personagens principais são os irmãos Anúbis e Bata. O manuscrito foi adquirido pela inglesa Elisabeth d'Orbiney na Itália e posteriormente comprado pelo Museu Britânico em 1857¹⁸.

Resumo

Na primeira parte do conto, apresenta-se a relação entre os irmãos Anúbis e Bata e sua ruptura após a tentativa de sedução de Bata pela esposa do irmão, há a emasculação de Bata e Anúbis percebendo a traição da esposa a mata. Na segunda parte, no Vale dos Pinheiros, Bata é presenteado pelos deuses com uma esposa, mas ela é levada pelo faraó e se torna sua esposa. A esposa de Bata faz com que ele seja morto, mas Anúbis consegue trazer seu irmão de volta à vida. De volta ao Egito, Bata se transforma em um touro e se revela para sua esposa, mas esta o reconhece e o manda matar. Bata se transforma em duas árvores, se revela a ela e esta manda cortá-las, mas uma lasca da árvore entra pela boca da mulher e a engravida. Na terceira parte, a mulher dá à luz ao próprio Bata. Após a morte do faraó, Bata torna-se rei, coroa seu irmão como príncipe e manda matar sua mãe, que na verdade era sua esposa. Bata morre depois de reinar 30 anos e Anúbis é coroado faraó.

Características

O conto possui inúmeras características de narrativas fantásticas, tais como: animais que falam; deuses que intervêm na rotina dos seres humanos; profecias; nomes

¹⁷ HOLLIS, Susan Tower. "The Ancient Egyptian 'Tale of Two Brothers'". In: *The Oldest Fairy Tale in the World. Oklahoma Series in Classical Culture* 12. Norman: University of Oklahoma Press, 1990.

¹⁸ ASSMAN, J. "Das altägyptische Zweibrüdermärchen (Papyrus d'Orbiney)". In: *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde* 104, 1977, pp. 1-25.

divinos dos personagens Anúbis e Bata. A magia é um elemento predominante na segunda parte do conto, aparecendo em uma série de prodígios, encantamentos e metamorfoses.

Os personagens centrais do conto, Anúbis (irmão mais velho) e Bata (irmão mais novo), revelam seu caráter mitológico. Anúbis é o deus da mumificação e dos embalsamadores. Sendo um deus mortuário, possui caráter benéfico e maléfico, sendo refletido, no conto, na relação com seu irmão. Bata é um deus local da cidade de Saka, no Alto Egito, cultuado durante o Novo Império. Personagem central da narrativa, não há dúvidas que ele seja um deus, possuindo todos os atributos característicos de um governante do Novo Império¹⁹.

As esposas de Anúbis e Bata são representadas como facilmente corruptíveis e como vilãs no conto. O adultério das esposas é punido com a morte, sendo Anúbis e Bata que punem suas esposas. Este não é o único caso de mulher infiel vista de maneira negativa, que precisa ser punida, na literatura egípcia, aparecendo todas elas sem nome nas histórias.

O Conto dos Dois Irmãos pode ser considerado o mais antigo dos contos egípcios a ser traduzido²⁰. O real e o popular entrelaçam-se no conto, levando-nos a crer que tivesse sido escrito para uma audiência sofisticada, descartando a possibilidade de ser advindo de tradição oral. Há um grande número de aspectos divergentes da cultura egípcia no conto, sendo possível que esta fosse uma composição cuidadosamente elaborada, uma vez que o autor soube apresentá-los de forma coerente.

¹⁹ GRANDET, Pierre. “Les Deux Frères”. In: *Contes de l’Égypte Ancienne*. Paris: Éditions Khéops, 2005.

²⁰ LEFEBVRE, Gustave. “Le Conte des Deux Frères”. In: *Romans et Contes Égyptiens de l’Époque Pharaonique*. Paris: Librairie d’Amérique et d’Orient, 1988.

Conto do Náufrago²¹

Introdução

O Conto do Náufrago, também conhecido como “A Ilha da Serpente” e “Viagem à Ilha Misteriosa”, possui somente uma fonte, o papiro Ermitage 1115, hoje no Museu Imperial de São Petersburgo. Não se sabe ao certo sua origem e como chegou até o museu, mas foi descoberto ainda enrolado na reserva técnica pelo egiptólogo russo Wladimir Golénischeff (1856-1947), que o abriu. Sua composição é datada do Médio Império, entre a XI e XII Dinastias, cerca de 2000 a.C. O texto encontra-se no *recto* de um palimpsesto de um papiro mais antigo, talvez do Antigo Império. O papiro possui 3,80 metros de comprimento e 12 centímetros de altura. Contém 189 linhas de texto, sendo 136 verticais e 53 horizontais, possui uma caligrafia bastante refinada em hierático horizontal e é lido da direita para a esquerda. Acredita-se que o papiro seja proveniente de uma tumba de Tebas, dado seu estado de conservação, assim como outros papiros do Ermitage.

Resumo

A narrativa conta a aventura de um egípcio que sai em uma expedição às Minas Reais. Durante a viagem ele sofre um naufrágio, sendo o único sobrevivente, indo parar em uma ilha fantástica, cujo seu senhor é uma serpente gigante. Ela o acolhe e garante seu retorno ao Egito, presenteando-lhe com um carregamento de presentes valiosos. Apesar de não ter tido sucesso em sua missão, o retorno do náufrago com tamanhas riquezas garantiu o reconhecimento do faraó. A narrativa é contada a um governador, que possivelmente seria o nomarca de Elefantina. Apesar na riqueza dos detalhes, o conto não apresenta os nomes de seus protagonistas, talvez apresentados em um prólogo desaparecido. Podemos então dividir o conto em quatro momentos distintos:

1. O retorno da expedição ao Egito;
2. A aventura do náufrago na ilha;
3. A vida da serpente;
4. A recepção do náufrago na corte do faraó.

²¹ BRANCAGLION Jr, Antonio. “O Conto do Náufrago - Papiro Ermitage 1115”. In: Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio. São Paulo: FFLCH/USP, Nº 3, 2006.

Características

O Conto do Náufrago tem sido visto como um conto de origem folclórica, dadas suas características como narrativa direta com frequentes repetições de expressões, como por exemplo, o grande uso do auxiliar “aha”²², que significa “então”, dando um estilo mais coloquial ao texto, e personagens não nomeados, levantando-se a questão de que esta narrativa pudesse ser de tradição oral. No entanto, a utilização da primeira pessoa do singular no conto não é uma característica usual das narrativas folclóricas ou míticas.

Esta narrativa também apresenta histórias dentro de histórias, ou seja, o conto moldura e os contos emoldurados. Primeiramente, o personagem principal apresenta-se a bordo de um navio juntamente de outro personagem, então aquele começa a contar a este suas histórias. No meio de seu relato, inicia-se uma nova narrativa, agora da serpente contando sobre suas desventuras na ilha. Após estes contos emoldurados terem se fechado, volta-se para o conto moldura, ou seja, a aventura do náufrago, e em seguida ao tempo inicial da narrativa.

A ilha onde o náufrago vai parar é uma ilha fantástica, um local exuberante que possui inúmeras riquezas e que tem como seu senhor uma serpente gigante, sendo esta uma divindade²³. A magia e as características fantásticas estão constantemente presentes no conto.

O tema da narrativa fantástica de um marinheiro é recorrente não só no Egito antigo, como por exemplo, a Odisséia de Homero na tradição literária grega, as viagens de Simbad na tradição árabe e a Epopéia de Gilgamesh na literatura mesopotâmica, possuindo todas várias características em comum.

²² Sendo utilizado pelo menos vinte vezes.

²³ BRESCIANI, Edda. Letteratura e Poesia Dell’Antico Egitto: Cultura e Società Attraverso I Testi. Torino: Einaudi, 2007.

Análise Comparada dos Contos

Podemos afirmar que nos três contos aqui apresentados, os Contos do Papiro Westcar, o Conto dos Dois Irmãos e o Conto do Náufrago, a magia²⁴ é um elemento sempre presente e dominante nas narrativas, concedendo um caráter de fantasia às histórias. Nos Contos do Papiro Westcar a magia está associada aos sacerdotes-leitores, ou seja, os magos dos contos que se valem de fórmulas mágicas para realizar seus encantamentos. Além disso, a magia serve de ligação entre os contos, conduzindo a narrativa.

No que concerne o discurso literário de tradição egípcia, estes manuscritos possuem alguns dos mais antigos textos narrativos, podendo ter pertencido à tradição oral. Dadas as inúmeras características como a repetição de expressões, a grande utilização do auxiliar “então”, o vocabulário utilizado e outros aspectos recorrentes na linguagem falada, acredita-se que estas narrativas tivessem sido transmitidas primeiramente pela tradição oral e posteriormente registradas em escrita, mas não podemos afirmar, pois infelizmente não nos restam evidências desta prática.

Há autores que defendem tal ponto de vista, já outros afirmam que estes contos teriam sido cuidadosamente compostos. No entanto, não podemos afirmar com certeza afirmativamente nem negativamente, pois informações acerca da forma como eram transmitidos, se havia um público para esses textos, entre outros elementos, não sobreviveram daquela época até os dias de hoje. Esta hipótese também pode ser aplicada a outras narrativas egípcias, uma vez que características em comum nos levam a crer que houvesse uma tradição oral no Egito antigo.

As narrativas possuem um estilo mais narrativo, talvez pela estrutura do conto moldura e os contos emoldurados, característica em comum entre os Contos do Papiro Westcar e o Conto do Náufrago²⁵. Aqueles que ouviam as histórias talvez ficassem entretidos não só pelas histórias, mas pelo modo de contar do narrador, dada sua dimensão sua dinâmica textual.

²⁴ PINCH, Geraldine. *Magic in Ancient Egypt*. London: British Museum Press, 1994.

²⁵ PARKINSON, R. B. “The Range of Responses: From Cheops’ Court to the Shipwrecked Sailor’s Island”. In: *Poetry and Culture in Middle Kingdom Egypt – A Dark Side to Perfection*. London/New York: Continuum, 2002, pp. 182-192.

Podemos afirmar que os contos possuem um caráter de divertimento e que por trás dessa característica residiria a intenção de transmitir uma moral e ética às pessoas. Talvez exista uma motivação política por parte do autor ao compor esta narrativa, por exemplo, nos Contos do Papiro Westcar, quando é colocada uma sequência alternada de faraós bons e maus ao longo das histórias. Além disso, faz-se uma clara oposição entre os faraós da IV e da V Dinastia, sendo apenas estes de origem divina e havendo então um caráter propagandístico do Estado faraônico.

Neste conto ainda são abordados valores introduzidos por meio dos magos, ou seja, os sacerdotes leitores. Também no Conto dos Dois Irmãos alguns valores considerados negativos são punidos exemplarmente. Exemplos disso são quando as esposas adúlteras deste conto e do segundo conto do Papiro Westcar são mortas²⁶, além de ambas aparecem sem nome nas histórias.

Será sempre difícil interpretar um texto cultural, uma vez que eles são partes integrais da teia social de significados que podemos chamar cultura. De acordo com Geertz, cultura pode ser descrita como “um padrão historicamente transmitido de significados incorporado em símbolos, um sistema de conceitos transmitidos e expressos em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos sobre suas atitudes em relação à vida”²⁷. Sendo assim, os textos incorporam um sistema de ideias promulgadas pela elite, sendo este um mecanismo de controle, manutenção e reforço de ideias defendidas pelo Estado, podendo ser observado nas narrativas aqui apresentadas.

²⁶ LEAHY, Anthony. “Death by Fire in Ancient Egypt”. In: *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, BRILL, Vol. 27, Nº 2, 1984, pp. 199-206.

²⁷ GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973, p. 133.